

O que é psicopedagogia: uma breve revisão bibliográfica

Tania Beatriz Iwaszko Marques[6]

Jaqueline Santos Picetti[7]

Introdução

Este texto consiste em uma breve revisão bibliográfica a respeito da Psicopedagogia. Centra-se numa tentativa de definição do seu papel, dos seus fundamentos teóricos e de sua área de atuação. Além disso, busca-se delimitar suas especificidades e formas de atuação, em contraste com áreas afins.

Este trabalho está vinculado a dúvidas levantadas por cursistas de uma Especialização em Psicopedagogia quanto a uma definição da área. O objetivo é auxiliar na identificação e depuração de alguns aspectos básicos no que diz respeito às definições e especificidades do trabalho psicopedagógico.

Definições

Psicologia, para o dicionário Aurélio (1986), é “a ciência dos fenômenos psíquicos e do comportamento” e psicologia experimental é “o ramo da psicologia que submete à experimentação científica os fatos conhecidos pela observação a fim de verificá-los e deles extrair as leis gerais”. Pedagogia, no mesmo dicionário, significa “teoria e ciência da educação e do ensino”. Psicopedagogia é definida, na mesma obra, como sendo a “aplicação da psicologia experimental à pedagogia”.

Ao direcionar a busca dessa definição para o campo teórico, encontram-se as palavras da psicopedagoga Leda Barone (1987, p.17), que afirma que o problema específico da Psicopedagogia diz respeito à “existência de pessoas normalmente desenvolvidas que não aprendem, embora colocadas numa situação normal de escolaridade”.

A ideia acima é complementada pela de outra psicopedagoga, Edith Rubinstein (1987, p.15), que afirma que o objetivo da Psicopedagogia é “compreender o indivíduo enquanto aprendiz. Como alguém cheio de dúvidas, fazendo escolhas e tomando decisões a cada passo do longo caminho percorrido em vida”.

A Psicopedagogia pode ser definida como uma área de estudo sobre o processo de aprendizagem, assim como suas dificuldades, a partir de uma ação profissional que engloba, integra e sintetiza vários campos de conhecimento (SCOZ, 1992). Ela pode ser

concebida como uma área que visa a relacionar a ciência pedagógica, psicológica, fonoaudiológica, neuropsicológica, psicolinguista, entre outras, na busca de uma compreensão integradora da aprendizagem (KIGUEL, 1987).

Assim, a partir dessas definições, pode-se reiterar a ideia de que a Psicopedagogia é uma área de conhecimento que busca compreender e atuar sobre os processos de aprendizagem, bem como sobre o que os dificulta, a partir da relação de diferentes campos teóricos.

Fundamentos teóricos da psicopedagogia

A Psicopedagogia constitui-se numa área de conhecimento. Apresenta fundamentos teóricos e técnicos que servem de suporte, tanto na formação quanto na prática profissional do psicopedagogo:

A Psicologia do desenvolvimento nos aspectos cognitivo e afetivo, o desenvolvimento da aquisição da linguagem, a lingüística aplicada, técnicas e metodologias da reeducação da leitura e escrita e, fundamentalmente, o conhecimento do processo de aprendizagem, bem como das inúmeras variáveis que nele interferem (RUBINSTEIN, 1987, p.14).

Além das áreas citadas acima, Barone (1987, p.18) inclui outras quando faz a sua relação de áreas importantes para a Psicopedagogia: “filosofia, sociologia, psicologia, ciências médicas e [...] psicolinguística. [...]. Contribuem, também, para a ação do educador, as descobertas no campo das ciências biológicas, principalmente da neurologia. ”

A maioria dos profissionais que desenvolve o trabalho psicopedagógico, tanto preventivo quanto curativo, provém das áreas da psicologia, da pedagogia e da fonoaudiologia. Essa formação, em nível de graduação, é complementada em Cursos de Especialização *Lato Sensu* em Psicopedagogia. Esses cursos geralmente têm seu enfoque na aprendizagem, estudando-a sob seus aspectos evolutivos normais e patológicos, a partir de fundamentos neurológicos, psicológicos e cognitivos e relacionando-os à influência do meio como a família, a escola e a sociedade (KIGUEL, 1987).

Bossa (*in* OLIVEIRA e BOSSA, 1996a, p.8), ao introduzir o livro *Avaliação psicopedagógica da criança de zero a seis anos*, salienta a importância da relação entre a Psicanálise e a Epistemologia Genética na fundamentação teórica da psicopedagogia e lembra que essa “articulação [...] fica evidente quando se trata de observar os problemas de aprendizagem, pilar da teoria psicopedagógica. ” E complementa essa ideia, afirmando que “a clínica tem se constituído

em eficiente laboratório da teoria”. Ela também frisa (*in* OLIVEIRA e BOSSA,1996a, p.9) a importância, para o desenvolvimento do trabalho psicopedagógico, do conhecimento do “conjunto de leis que regem o processo de construção do conhecimento em geral, bem como os inerentes à construção de cada área do conhecimento em particular.” A autora afirma que só esse conhecimento aprofundado dos processos normais de construção do conhecimento é que permite que se possa distinguir um processo normal daquele que é considerado sintomático. Complementa-se com a ideia de que esse conhecimento também possibilita a construção de um trabalho psicopedagógico que busca a superação das dificuldades de aprendizagem.

Áreas de atuação e delimitação de espaços

Podem-se destacar duas formas básicas de trabalho psicopedagógico: a primeira delas é o atendimento clínico, que tem como objetivo a recuperação, a outra é a institucional, que tem como objetivo principal a prevenção. Atualmente há um grande interesse no trabalho preventivo, situação que não é exclusiva da área psicopedagógica. Ao contrário, é uma tendência em várias áreas. Acredita-se que dessa forma muitos problemas podem ser

evitados. Nesse sentido, há o exemplo da Associação Estadual de Psicopedagogos de São Paulo que vem “promovendo atividades para professores, onde são abordadas questões sobre: como o indivíduo aprende a ler, por exemplo, ou quando são convidados os pais para participar do debate ‘A alfabetização, a família e a escola’” (RUBINSTEIN, 1987, p. 15).

Barone (1987, p. 17) menciona a psicopedagoga francesa Janine Mery que menciona as seguintes especificidades do trabalho psicopedagógico: em primeiro lugar, o problema de aprendizagem não é entendido de forma isolada, mas, pelo contrário, “é considerado como manifestação de uma perturbação que envolve a totalidade da personalidade”; em segundo lugar, o problema de aprendizagem não é considerado como uma “entidade fixa”, mas como “uma perspectiva dinâmica”; também considera que, para o desenvolvimento da relação educativa, é preciso que se estabeleça uma “verdadeira relação transferencial e contratransferencial” entre a criança e o psicopedagogo; concluindo, diz que “a tarefa do psicopedagogo é levar a criança a reintegrar-se à vida normal, segundo suas possibilidades e interesses”.

Nunes (1987, p.283) contribui para a delimitação de papéis no livro *A atividade da orientação educacional em uma dimensão psicopedagógica*:

O orientador educacional não é um psicopedagogo. Porém, suas atividades estão na área da Psicopedagogia. Isto porque ele está preocupado com o aluno e com o seu autoconceito que, na escola, está estreitamente vinculado ao êxito ou fracasso na aprendizagem. Na verdade, é o profissional que age institucionalmente com uma função psicopedagógica específica, definida pela Lei n 5692/71.

Uma boa delimitação sobre a atuação do psicopedagogo pode ser encontrada em *Diagnóstico e tratamento dos problemas de aprendizagem* da psicopedagoga argentina Sara Paín (1985). Num capítulo dedicado às relações entre aprendizagem e educação, ela se propõe, entre outras coisas, a:

[...] delimitar o terreno de competência do psicólogo dedicado à aprendizagem e o terreno do especialista em ciências da educação, que atende às perturbações na aquisição dos processos cognitivos. Este último se preocupa principalmente em construir situações de ensino que possibilitem a aprendizagem, incrementando os meios, as técnicas e as instruções adequadas para favorecer a correção da dificuldade que o educando

apresenta. Diferentemente, o psicólogo se interessa pelos fatores que determinam o não-aprender no sujeito e pela significação que a atividade cognitiva tem para ele; desta forma a intervenção psicopedagógica volta-se para a descoberta da articulação que justifica o sintoma e também para a construção das condições para que o sujeito possa situar-se num lugar tal que o comportamento patológico se torne dispensável (PAÍN, 1985, p. 13).

Observa-se que, enquanto a autora esforça-se por diferenciar a atuação do psicopedagogo da do pedagogo, ao mesmo tempo, em algumas passagens, ela não diferencia o psicopedagogo do psicólogo.

Com relação a essas especificidades, Macedo (1992) compara abordagens que estão intimamente relacionadas, porém diferenciadas por detalhes, não apenas técnicos, mas por uma leitura diferenciada do problema de aprendizagem. Ele diz que:

[...] toda vez que um profissional da pedagogia realiza esta ação levando em conta aspectos psicológicos nela envolvidos, comporta-se como um psicopedagogo. Por outro lado, toda vez que um profissional da psicologia

realiza esta ação levando em conta aspectos pedagógicos, comporta-se como um psicopedagogo (MACEDO, 1982, p. VIII).

As palavras de Borges (1992, p.28-9) podem resumir essa questão da delimitação de espaços de trabalho do psicopedagogo com relação às outras áreas, quando afirma que essa é “uma área do conhecimento que ainda se constrói, que necessita de diferentes informações” de várias áreas “mas caminha cada vez mais para delimitar o seu objeto de trabalho”.

Atuação do psicopedagogo

Uma bela exposição do trabalho do psicopedagogo, nos níveis curativo e preventivo, nos é oferecida por Kiguel (1987, p.26). Segundo ela, entre as funções relativas ao trabalho preventivo encontra-se a atuação em:

[...] escolas e em cursos de formação de professores, esclarecendo sobre o processo evolutivo das áreas ligadas à aprendizagem escolar (perceptiva motora, de linguagem, cognitiva, emocional), auxiliando na

organização de condições de aprendizagem de forma integrada e de acordo com as capacidades dos alunos (KIGUEL, 1987, p. 26).

Ainda falando sobre o trabalho preventivo, com professores, a mesma autora fala sobre a importância de eles vivenciarem situações que os façam pensar a respeito de como ocorre a aprendizagem. Ela afirma que se “o psicopedagogo considera que é a ação o ponto de partida para a construção do conhecimento [...] terá que oportunizar situações que envolvam a ativa participação na descoberta de como se aprende” (KIGUEL, 1987, p.37).

Tal afirmação é fundamental ao se levar em conta as observações realizadas por Becker (1993, p.337) na pesquisa realizada com professores de todos os níveis do ensino, por meio da qual constata que grande parcela dos professores entrevistados se surpreende quando questionados a respeito de “Como se dá o conhecimento? O que é para você o conhecimento? Como se passa de um menor conhecimento para um maior conhecimento? ”. Ou seja, muitos professores passam toda a vida ensinando sem pensarem no que significa aprender e como esse processo ocorre.

Sobre o trabalho curativo, pode-se dizer que se destina a crianças, adolescentes e adultos com dificuldades de aprendizagem. Nessas situações, o diagnóstico necessita ser feito levando em

conta vários procedimentos, como a anamnese, a análise dos trabalhos escolares, conversa com os profissionais da escola e com familiares, observação do desempenho em situação de aprendizagem, realização de atividades e jogos psicopedagógicos, entre outros importantes (KIGUEL, 1987).

A partir dos dados obtidos através dos procedimentos, pode-se explicitar a forma como o sujeito aprende, identificando as áreas em que encontra sucesso e aquelas nas quais tem dificuldades. É somente entendendo as causas das dificuldades e seu significado para o sujeito, para a família e a escola que se pode chegar a um diagnóstico preciso e organizar uma ação psicopedagógica eficiente (KIGUEL, 1987).

Mais uma contribuição importante na tentativa de identificar as especificidades da atuação psicopedagógica pode ser encontrada em *Linguística e psicopedagogia*:

[...] o psicopedagogo atua diretamente junto ao educando que apresenta 'problemas' de aprendizagem, na tentativa de identificar os fatores que interferem no seu processo de aprendizagem e de ajudá-lo a superar as dificuldades, através de um acompanhamento 'remedial'. Essa atuação o define necessariamente como um *mediador* entre a instituição social escola e a

instituição social família, ambas preocupadas com os sintomas de 'fracasso' da criança (ABAURRE, 1987, p.187).

Falando especificamente sobre o diagnóstico, Weiss (1992) diz que ele tem como objetivo “identificar os desvios e os obstáculos básicos no *modelo de aprendizagem* do sujeito que o impedem de crescer dentro do esperado pelo meio social” (p. 96). A autora entende esse modelo de aprendizagem como sendo o:

[...] conjunto dinâmico que estrutura os conhecimentos que o sujeito já possui, os estilos usados nessa aprendizagem, o ritmo e as áreas de expressão da conduta, a mobilidade e o funcionamento cognitivos, os hábitos adquiridos, as motivações presentes, as ansiedades, defesas e conflitos em relação ao aprender, as relações vinculares com o conhecimento em geral, e com os objetos de conhecimento escolar em particular, o significado da aprendizagem escolar para o sujeito, para sua família e a escola (WEISS, 1992, p.97).

Somente após chegar a esse modelo de aprendizagem é que se tem, segundo a autora, dados suficientes que permitem levantar

hipóteses sobre as causas dos problemas de aprendizagem, bem como traçar um plano de orientação e de tratamento.

Ainda no que diz respeito ao diagnóstico, Weiss (1992) afirma que muitos pacientes não admitem a existência de um momento isolado dedicado ao diagnóstico, pois ele faz parte do processo terapêutico. Nesses casos, quando se trata de crianças, ela realiza “sessões do tipo ludodiagnóstico, mas sempre centradas na aprendizagem, procurando observar concomitantemente aspectos afetivos, cognitivos e pedagógicos” (p.98). Para realizar tal procedimento, porém, requer-se bastante conhecimento a respeito do significado do brinquedo para a criança, contando com subsídios teóricos para a interpretação das brincadeiras realizadas, levando-se em conta uma premissa básica da psicanálise, segundo a qual, através do brinquedo, a criança pode elaborar o que sofre passivamente.

Por outro lado, Rubinstein (1992) salienta a importância da relação do psicopedagogo com o seu cliente, concluindo que, através dela, pode ajudá-lo a “resgatar [...] a identificação com o conhecimento e, portanto, com a possibilidade de aprender” (p. 104). Além disso, ela menciona o fato de que:

[...] não basta que haja apenas a identidade com o conhecimento, o aprendiz necessita também de suas

estruturas cognitivas para que através delas possa ter acesso ao conhecimento. Compete-nos como profissionais da área da aprendizagem contribuir para que o aprendiz tenha melhores condições para utilizar suas estruturas cognitivas (RUBINSTEIN, 1992, p. 105).

Falando sobre a criança dos sete aos onze anos, Bossa (*in* OLIVEIRA e BOSSA, 1996b, p.12-3) lembra que, nessa faixa etária, a relação da criança com o adulto é mediada por uma tarefa, na qual se inclui a participação do adulto “quer seja incluindo-se no jogo, quer seja interpretando a conduta da criança ao jogar. Assim, um procedimento muito eficiente na avaliação psicopedagógica” é o jogo.

Na continuação, tece comentários interessantes a respeito da importância do jogo no diagnóstico psicopedagógico, afirmando que, dessa forma, temos acesso ao mundo interno da criança, constituindo-se o jogo no equivalente às palavras do adulto. “A observação, bem como a participação na brincadeira da criança, permite-nos reconhecer a normalidade no processo de desenvolvimento” (*Idem*, p.13). Durante o jogo, pode-se identificar a maneira como o sujeito constrói estratégias para a solução de problemas, suas capacidades de ordenar, seriar, classificar, e,

assim, a maneira como compreende e utiliza as informações que recebe.

Conclusão

A trajetória da Psicopedagogia pode ser sintetizada a partir da ideia de que, no seu início, a preocupação centrava-se no como fazer, encontrando-se cursos, na época, que se dedicavam ao ensino de técnicas. Atualmente, observa-se uma necessidade mais ampla e de aprofundamento das questões teóricas e metodológicas que fundamentam a prática psicopedagógica em relação ao como ocorre o processo de aprendizagem (RUBINSTEIN, 1987).

Rubinstein (1987) complementa a ideia acima, afirmando que “a partir do momento em que o foco de atenção passa a ser a compreensão do processo de aprendizagem e a relação que o aprendiz estabelece com ela, o objeto da psicopedagogia passa a ser mais abrangente: a metodologia é apenas um aspecto no processo terapêutico” (p.103). Ela lembra que o principal objetivo do psicopedagogo que se dedica à clínica “é a investigação da etiologia da dificuldade de aprendizagem, bem como a compreensão do processamento da aprendizagem considerando todas as variáveis que intervêm neste processo” (p.103).

Scoz (1992, p.3) segue a mesma argumentação apresentada acima e não se mostra interessada em “ensinar novas metodologias de ensino”. Ela acredita que as escolas precisam encontrar trajetórias que oportunizem aos professores uma reflexão sobre sua ação pedagógica, buscando a construção de alternativas de mudanças necessárias para o sucesso na aprendizagem. O que torna possível tal trabalho é a confluência de diversas áreas, para que se possa ter um conhecimento dos sujeitos como um todo. Para tanto, é necessário um profissional que atue como mediador, integrando e sintetizando as diferentes áreas de conhecimento, nesse caso, um psicopedagogo.

Os questionamentos, incertezas, dúvidas, bem como as contribuições apresentadas no sentido de contextualizar a psicopedagogia podem ser resumidas nas palavras de Lino de Macedo (1992, p.VIII), ao prefaciar o livro que reúne a coletânea de textos do IV Encontro de Psicopedagogia, realizado em São Paulo, em julho de 1990. Ele diz que “psicopedagogia é uma (nova) área de atuação profissional, que tem (ou busca) uma identidade e que requer uma formação de nível interdisciplinar, como já sugerido no termo psicopedagogia”.

Acredita-se, com base na atuação na área, que as dúvidas apontadas por alunos do curso de Especialização em Psicopedagogia a respeito das especificidades da Psicopedagogia

não são apenas suas, mas também de muitos profissionais da área. Portanto, não se pretende, de forma alguma, ter respondido as questões de forma definitiva, mas ter trazido alguns subsídios que possam contribuir para essa discussão.

Referências

ABAURRE, Maria Bernadete. Lingüística e psicopedagogia. in SCOZ, Beatriz e outras (org.). *Psicopedagogia. O caráter interdisciplinar na formação e atuação profissional*. Porto Alegre: Artes Médicas, 1987.

BARONE, Leda. Considerações a respeito do estabelecimento da ética do psicopedagogo. In SCOZ, Beatriz e outras (org.). *Psicopedagogia. O caráter interdisciplinar na formação e atuação profissional*. Porto Alegre: Artes Médicas, 1987.

BECKER, Fernando. *A epistemologia do professor: o cotidiano da escola*. Petrópolis: Vozes, 1993.

BORGES, Aglael Luz. O ato de aprender: algumas contribuições da psicanálise freudiana. In: SCOZ, Beatriz e outras (org.). *Psicopedagogia. Contextualização, formação e atuação profissional*. Porto Alegre: Artes Médicas, 1992.

FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. *Novo dicionário da língua portuguesa*. 2ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1986.

KIGUEL, Sônia. Abordagem psicopedagógica da aprendizagem. In SCOZ, Beatriz e outras (org.). *Psicopedagogia. O caráter interdisciplinar na formação e atuação profissional*. Porto Alegre: Artes Médicas, 1987.

MACEDO, Lino de. Prefácio. In SCOZ, Beatriz e outras (org.) *Psicopedagogia. Contextualização, formação e atuação profissional*. Porto Alegre: Artes Médicas, 1992.

NUNES, Lina Cardoso. A atividade da orientação educacional em uma dimensão psicopedagógica. In SCOZ, Beatriz e outras (org.). *Psicopedagogia. O caráter interdisciplinar na formação e atuação profissional*. Porto Alegre: Artes Médicas, 1987.

OLIVEIRA, Vera e BOSSA, Nádia (org.) *Avaliação psicopedagógica da criança de zero a seis anos*. 3ed. Petrópolis: Vozes, 1996a

OLIVEIRA, Vera e BOSSA, Nádia (org.) . *Avaliação psicopedagógica da criança de sete a onze anos*. Petrópolis: Vozes, 1996b.

PAÍN, Sara. *Diagnóstico e tratamento dos problemas de aprendizagem*. Porto Alegre: Artes Médicas, 1985.

RUBINSTEIN, Edith. A psicopedagogia e a Associação Estadual de Psicopedagogos de São Paulo in SCOZ, Beatriz e outras (org.) *Psicopedagogia. O caráter interdisciplinar na formação e atuação profissional* . Porto Alegre: Artes Médicas, 1987.

RUBINSTEIN, Edith. A intervenção psicopedagógica clínica. in SCOZ, Beatriz e outras (org.).*Psicopedagogia. Contextualização, formação e atuação profissional*. Porto Alegre: Artes Médicas, 1992.

SCOZ, Beatriz. A identidade do psicopedagogo: formação e atuação profissional. In. SCOZ, Beatriz e outras (org.). *Psicopedagogia. Contextualização, formação e atuação profissional*. Porto Alegre: Artes Médicas, 1992.

WEISS, Maria Lúcia. Reflexões sobre diagnóstico psicopedagógico. In SCOZ, Beatriz e outras (org.) *Psicopedagogia. Contextualização, formação e atuação profissional*. Porto Alegre: Artes Médicas, 1992.